

ATIVIDADE ESPORTIVA COLABORANDO PARA O PROCESSO DE INCLUSÃO COM UMA CRIANÇA COM OSTEOGÊNESE IMPERFEITA NA CIDADE DE PARINTINS /AM.

Bruna dos Santos Prata¹

Alessandra Alves dos Santos²

Orientador Francisca Keila de Freitas Amoedo³

Centro de Estudos Superiores de Parintins- CESP/ UEA

Resumo

O presente artigo tem como objetivo mostrar o potencial de uma criança com Osteogênese Imperfeita (OI) no espaço não formal denominada Escola de Futebol “Show de Bola” na cidade de Parintins- Amazonas. E para melhor compreensão que se estabelece entre a “Educação Inclusiva” e o espaço não formal os estudos foram embasados nos teóricos Beyer (2005), Gohn (2006), Matos (2008) colaborando no processo de desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois o fato investigado envolve todo um processo de percepção fenomenológica. O que proporciona descrever os seguintes aspectos cruciais: a forma como a criança se adequa neste lugar, o modo de enfrentar as diversidades que a cerca e como se dá o processo da educação inclusiva no ambiente não formal. A pesquisa está em andamento, existe um grande caminho a ser percorrido, pois sabemos que a educação acontece dentro e fora do ambiente escolar.

Palavras-Chave: Inclusão. Espaços não formais. Criança.

1. Introdução

A Educação Inclusiva no decorrer dos tempos vem conquistando seu espaço, em uma busca incansável por direitos que deveriam ser assegurados as pessoas com deficiência ou necessidades educacionais especiais como são denominadas pela sociedade. Nomenclatura esta que acaba fazendo com que as pessoas que apresentam alguma necessidade que foge aos padrões sociais, sintam-se menosprezadas diante da sociedade.

O objetivo da pesquisa é mostrar as possibilidades de inclusão social e desenvolvimento físico, cognitivo e emocional de uma criança com Osteogênese Imperfeita através de atividades esportivas, considerando que a medicina descreve algumas deficiências físicas como uma doença delicada e com inúmeras impossibilidades, dentre essas a de jogar bola, correr e brincar. Diante das impossibilidades que a medicina descreve, foi possível percebermos no decorrer da pesquisa que as atividades esportivas vêm mostrar que não podemos generalizar, pois em alguns casos a oportunidade e incentivo para realização dessas atividades pode vir contribuir para o desenvolvimento da criança com limitações físicas, fazendo com que a criança possa ser incluída nas mesmas atividades que as crianças “ditas normais”, ou que não apresentem nenhuma limitação.

Neste contexto, o termo inclusão vem ultrapassando as barreiras da exclusão e as pessoas que apresentam alguma limitação sejam elas sociais ou físicas, são capazes de mostrar seus potenciais, assim temos como sujeito da pesquisa uma criança com Osteogênese Imperfeita que frequenta uma Escola de futebol “Show de Bola” na cidade de Parintins no qual o espaço não propicia uma estrutura para a sua acessibilidade, porém a força de vontade da criança, dos colegas e do professor fazem toda a diferença na realização das atividades, apesar da falta de conhecimento do professor acerca da educação inclusiva deve existir um entendimento a ser melhor socializado entre as

¹ Graduanda em Pedagogia, Universidade do Estado do Amazonas, UEA/CESP. E-mail: brunaprata2011@live.com

² Graduanda em Pedagogia, Universidade do Estado do Amazonas-UEA/CESP. E-mail: alessandra1502@outlook.com

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação e Ciências na Amazônia, Graduada em Pedagogia, especialização em Psicopedagogia, Educação inclusiva e Libras. Professora da Universidade do Estado o Amazonas.

crianças, pois em alguns momentos não acontece à alteridade entre ambos, fazendo assim com que o ambiente fique conflituoso durante atividades esportivas.

O interesse para construção desse artigo partiu dessa observação e da prática de um professor de futebol, que não atua em escola, mas mantém atividades esportivas em ambiente não formal, reunindo inúmeras crianças que brincam e desenvolvem as atividades esportivas com disciplina e dedicação. Dentre as crianças percebemos que a criança com Osteogênese Imperfeita participa das mesmas atividades que as crianças ditas normais.

Assim consideramos importante um estudo sobre o que realmente é a educação inclusiva no ambiente não formal, visto que escola de futebol denominada: Escola show de Bola surgiu de forma informal e adquiriu inúmeros participantes chegando aos caminhos da inclusão ou integração de crianças com necessidades educacionais especiais nesse ambiente. Mesmo assim, a escola de futebol como espaço não formal de aprendizagem é um lugar que ensina saberes diversos como: disciplina e valores os quais são transmitidos através da socialização entre a equipe de crianças e do professor que realiza as atividades de futebol.

2. Criança com osteogênese imperfeita e suas diversidades

Segundo Santos (1990, p. 53) “[...] temos o direito a ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza”. Toda criança tem o direito ser criança, brincar, estudar, agir e pensar como criança. A educação Inclusiva é um desafio que vem sendo superado e aos poucos quebrando os paradigmas da exclusão ou discriminação. Ainda é visível às barreiras em relação à inclusão mesmo que a declaração dos direitos humanos afirme que somos todos iguais perante a lei, sem nenhum tipo de distinção, onde deveríamos buscar sermos indivíduo participativos e construtores da nossa própria existência. E esta temática é um dos pontos mais discutidos na sociedade. Acolhe-las bem é um dever nosso, respeitando-os sem questionar suas possibilidades ou dificuldades. A resistência por parte da sociedade em relação a crianças deficientes ainda é grande.

Entretanto não devemos ver a inclusão como um problema e sim como uma diversidade. Que parte da realidade em que estamos inseridos e que as crianças podem sim aprender todas em um mesmo contexto seja ele no ambiente formal ou não formal. Apesar de suas delimitações, o “HF” busca superar a cada dia as barreiras colocadas pela sociedade, mostrando que é possível executá-las. Mesmo possuindo uma doença rara (osteogênese imperfeita ou doença de Lobstein) também conhecida como “ossos de vidros ou cristal”. A criança realiza atividades esportivas entre outras. E tem como paixão o futebol e não se vê nenhum momento fora deste contexto.

No que refere-se a osteogênese imperfeita é uma doença considerada como problema genético e hereditário, causada pela não produção de colágeno no corpo uma proteína importantíssima para a consolidação dos ossos, fazendo que os ossos fiquem frágeis, as crianças não crescem normalmente, ficam com uma estatura baixa e deformadas. Porém, as suas capacidades permanecem as mesmas e não são alteradas (mental, motora). Através de nossas observações e investigações, percebemos que o “HF” possui a vida normal e participativa no meio socio-cultural. Conforme reforça BEYER (2005, p. 28-29)

[...] a primeira para a educação inclusiva não custa dinheiro ela exige uma nova forma de pensar. Precisamos entender que as crianças são diferentes entre si. Elas são únicas em sua forma de pensar e aprender. Todas as crianças, não apenas a que apresentam alguma limitação ou deficiência, são especiais. Por isto, também é errado exigir de diferentes

crianças o mesmo desempenho e lidar com elas de maneira Uniforme, O ensino deve ser organizado de forma que contemple as crianças em suas distintas capacidades.

Atualmente luta pela inclusão ainda é um grande desafio para uma criança com osteogênese imperfeita. Na convenção interamericana realizada em Costa Rica, na cidade de San José em 22 de novembro de 1969, discutiu-se sobre o tratado Internacional dos Direitos Humanos, onde temos como referência, por exemplo, uma reflexão sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência os Estados- parte reafirmaram que:

[...] as pessoas portadoras de deficiência detêm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas e que esses direitos, inclusive, a de não ser submetido a discriminação com base na deficiência, emanam da dignidade e da igualdade que são inerentes a todo o ser humano”.(BRASIL, 2006).

3. Ambiente não formal lugar que também propicia a aprendizagem

Os espaços não formais enquanto ambiente propício para o processo de aprendizagem surge como uma forma reflexiva, considerada importante independentemente do espaço, proporcionando uma ação que gera a educação onde se aprende, transmite e troca saberes. Além de prepara-los para o mundo que os rodeia, ensinando-os a trabalhar em coletivo e tendo uma interação social. Sendo complemento para o espaço formal. Para Libanêo (2005, p.89), “aquelas atividades com a maior caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas mais não formalizadas[...]”.

Partindo da citação acima mencionada percebemos que o autor retrata que a educação acontece em diferentes espaços e que a aprendizagem se dá na relação entre indivíduos e no meio social no qual está inserido tendo como uma de suas características a diversidade em diferentes contextos culturais com a finalidade de construir aprendizagem além da sala de aula e que tem uma intencionalidade, é algo dinâmico que tem muito a contribuir no desenvolvimento das crianças, jovens e adultos.

Segundo Gohn (2006) a educação não formal é aquela que se aprende no cotidiano, com os outros. O professor repassa os valores morais e éticos para as crianças, vendo que existe uma alteridade entre o professor, pais e os próprios alunos. Embora o professor técnico não possua formação acadêmica superior ele teve a ousadia de abrir as portas para a inclusão de uma criança com deficiência no ambiente não formal (Escola de Futebol) e sabia dos desafios existentes. Pois a escola não possui uma estrutura adequada.

4. O esporte contribui para o desenvolvimento de uma criança deficiente

Percebemos que o esporte é muito mais que uma simples atividade física, como Tubino coloca é a forma em que o povo tem como demonstrar a sua forma cultural. Esse foi um dos motivos pelos quais escolhemos pesquisar o esporte em um espaço não formal em especial o projeto Show de Bola. Vendo que o projeto Show de Bola visou em sua atividade esportiva à inclusão de uma criança com OI, quebrando qualquer paradigma imposto pela sociedade.

“O esporte, aceito atualmente como um dos fenômenos sócio- culturais e políticos mais importantes nesta transição de séculos, não pode ser explicado por percepções de seus momentos históricos. Ele só pode ser compreendido se o situarmos num processo com Inter atuações culturais e contextuais, variando a cada novo momento histórico.” (TUBINO, 2010, p.8).

É necessário ainda que projetos sejam voltados a esta prática para que a inclusão de fato e de direito possa vir acontecer em todos os âmbitos, pois entendemos que a contribuição de atividades

relacionadas ao esporte vem quebrando paradigmas e afirmações que anteriormente a medicina havia desconsiderado. Diante disso, elencamos a importância de projetos para que mais práticas como estas possam estar sendo feitas, mesmo que os recursos de ordem do Governo Federal, Estadual e Município sejam poucos, e necessário que iniciativas benéficas como atividades em ambientes não formais possam ser cumpridas com a lei prevista na constituição.

5. Metodologia

A metodologia surge a partir de uma abordagem qualitativa, pois esta leva ao contato direto entre o ambiente e o objeto de estudo. Trouxemos este método para nossa pesquisa, devido buscar compreender o contexto social da criança com osteogênese imperfeita no espaço não formal e como ela se dar, tentando interpreta-la mediante aos fenômenos compreendidos.

Segundo Richardson (1999, p. 102) destaca que:

O objetivo fundamental da pesquisa qualitativa não reside na produção de opiniões representativas e objetivamente mensuráveis de um grupo; está no aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno.

O método de procedimento é do tipo fenomenológico, parte da compreensão vivida no cotidiano e busca a essência do fenômeno investigado, pois nos mostra que o sujeito é um ser que aprende, constrói e vive de sua maneira dentro de suas limitações sua própria história.

Segundo (ROJAS, 2006, p. 3).

A fenomenologia basicamente se guia pelos caminhos da experiência, e assim sugere uma tomada reflexiva da vivência, abrindo possibilidades de observar as coisas como elas se manifestam. Trazendo à consciência novos olhares, para permitir um redimensionamento dos fazeres. Ao tratarmos das práticas educativas, evidenciamos a necessidade de buscar um olhar intencional que possa nos desvelar formas diferenciadas no fazer pedagógico. Compreendendo que em todo processo somos sujeitos, e estamos em constante elo com o outro no movimento das mudanças e transformações dialeticamente intenso.

Na coleta de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada a qual nos deu livre arbítrio para termos uma interação com o sujeito, um diálogo não formal onde nós o “HF”, sua mãe e professor técnico tivéssemos uma conversa aberta sem restrições e informalidades, os deixamos bem a vontade em relação as perguntas realizadas que iam surgindo no decorrer da conversa “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”. (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Para melhor compreensão e descrição da pesquisa foi utilizado o método observacional, porque ao parti de uma observação feita em uma escola de futebol na cidade de Parintins com uma criança que tem a deficiência Osteogênese Imperfeita e daí então nos despertou o nosso interesse pelo estudo. Gil(2008, p.16).

A pesquisa foi tornando-se cada vez mais interessante que buscamos ir mais afundo para obter melhor resultado. O nome da criança e da mãe são fictícios.

6. Resultado da Pesquisa

Para Brandão (2006, p. 9), “ninguém escapa da educação [...] não há uma única forma nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática e o professor profissional não é seu único praticante”. Aprender desta forma se encontra na relação estabelecida entre os agentes transmissores de aprendizagem, sejam eles pais, professores, monitores e alunos. Todos aprendem juntos.

Portanto, esperamos que a pesquisa sobre inclusão se dê num processo amplo e na formação continua da criança, sendo este muito importante para seu desenvolvimento e integração na escola de futebol e na sociedade.

“A diferença pode ser sinônimo de diversidade, mas jamais de desigualdade, no sentido em que nesse estudo nos referimos. A educação deveria ter como construção de pessoas que vissem qualquer outra pessoa como alguém que deve ser respeitado em suas diferenças e individualidades”. (MATOS. M.A.S 2008, p.15).

Em 1999, foi oficialmente criada, em São Paulo, a ABOI (Associação Brasileira de *Osteogenesis Imperfecta*), associação de pais e portadores de OI que realizam um belíssimo trabalho, tem como principal objetivo de:

“(…) lutar pela melhoria da qualidade de vida dos portadores de OI, o que significa, essencialmente, produzir e divulgar informação de qualidade sobre a doença e seu tratamento e organizar os interessados para uma luta bem direcionada por seus direitos de cidadãos. A ABOI orienta seus associados, encaminha para tratamento e tem um Conselho Científico formado por médicos experientes que, voluntariamente, auxiliam nos casos mais complexos”. (A.B.O.I 2003).

A medicina diz que ainda não existe cura para esta doença, mas há tratamentos. Esta doença ainda é pouco conhecida até mesmo pelos profissionais na área da saúde. Segundo a Associação Brasileira com osteogênese imperfeita (ABOI). Intuímos que não foi à escola de futebol que se adequou a deficiência do homem de ferro, mas sim ele que se adaptou no ambiente não formal.

7. Considerações finais

Durante esse período de observação, vimos à necessidade de nos aprofundarmos ainda mais na pesquisa, vendo que a mesma é rica em conhecimentos, procuramos fundamentar nossas ideias com base nos autores que possuem conhecimento específico nestas áreas. Deixando claro que este estudo está na fase de andamento. Pois, a cada dia aprendemos algo novo. O Local onde está sendo realizado a pesquisa é na Escola Show de Bola esta que muito contribui para o nosso trabalho científico. Nas palavras de Mader (1997, p.47), “[...] um novo paradigma está nascendo, um paradigma que considera a diferença como algo inerente na relação entre os seres humanos. Cada vez mais, a diversidade está sendo vista como algo natural”.

Por meio dos métodos utilizados, observamos que as crianças ainda não foram corrompidas pelo preconceito acentuado da sociedade. E ainda possuem uma essência de criança, brincam, conversam e agem naturalmente uns com outros, deixando de lado qualquer diferença entre elas, seja de classes sociais, políticas ou culturais. Quebrando os paradigmas impostos. As crianças que participam do projeto expressam o desejo de serem futuramente grandes jogadores de futebol, muitas já tem se destacado, uns já criaram suas próprias escolas, outros estão viajando e participando em campeonatos. As crianças põem em prática todos os conhecimentos adquiridos nesse espaço, trazendo para sua vivência do cotidiano, refletindo no ambiente familiar, escolar e social.

Finalmente, podemos dizer que o espaço não formal é um lugar onde se constrói aprendizagem e as crianças são os sujeitos responsáveis por reconstituir uma nova sociedade sem tantas diversidades. No dia 6 de maio comemoramos o dia internacional da Osteogênese imperfeita, divulgamos nas redes sociais e compartilhamos a pesquisa com os nossos colegas e familiares. Com a finalidade de divulgar a doença e incentiva-los a se vestirem de amarelo para serem conhecedores e solidários com as crianças com osteogênese e seus familiares.

8. REFERÊNCIAS

ABOI (**Associação Brasileira de Osteogenesis Imperfecta**). São Paulo.1999.
www.aboi.org.br.

BEYER, Hugo otto. **Inclusão e Avaliação na Escola:** de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação.** São Paulo. Brasiliense, 1991.

BRASIL.Organização Nacional União. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: avaliação de políticas públicas. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p.27-38, jan./mar.2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2005.

MADER, G. **Integração da Pessoa Portadoras de Deficiência:** a vivência de um novo paradigma. 1997.

MATOS, M. A.S. **Cidadania, Diversidade e Educação Inclusiva:** Um dialogo entre a teoria da pratica na rede publica Munipal de Manaus. Porto Alegre. 2008. p 15.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

ROJAS, J. **Efeitos de sentido e fenomenologia nas práticas educativas: linguagem, cognição e cultura.** In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS – V ENCONTRO DE FENOMENOLOGIA E ANÁLISE DO EXISTIR, 2006, São Bernardo do Campo. Anais. São Bernardo do Campo: Editora SE&PQ - Co-editora UMESP, v. 1, 2006, p. 1-10.

SANTOS, B.S. **Um Discurso Sobre Ciências Pós-moderna.** Revista de Estudos, Avançados, São Paulo, maio/ago. 1990.

TRIVIÑOS, A.N.S. (1987). **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte:** ênfase no esporte-educação / Manoel Tubino. -- Maringá : Eduem, 2010. p 163.